

Apresentação

O número 13 da RCD está no ar! E, começamos com um artigo que nos convida a refletir sobre um tema muito debatido atualmente, porém ainda pouco pesquisado, qual seja, assédio moral e sexual em organizações. Jorge Medrano e Andrezza Cristina Steck, seus autores, apontam no texto as dificuldades de realizar pesquisas sobre o tema, dado o temor dos afetados em abordá-lo pela possibilidade de represálias que afetem decisivamente suas condições de trabalho. A princípio, pode-se acreditar que este tema foge ao escopo desta revista. Mas, um dos principais méritos dos autores é justamente mostrar como o fenômeno está relacionado com os processos comunicacionais nas organizações e, sobretudo, com a comunicação interna. O texto mostra como deficiências na comunicação dos valores, a ausência de diálogo franco e aberto entre membros dos distintos níveis hierárquicos e a falta de estímulo à participação são aspectos que favorecem o assédio em suas diversas modalidades. Em outras palavras, o autor evidencia uma relação direta entre a dialogicidade e este fenômeno, daí a propriedade em não só o tratarmos aqui, mas oferecer destaque de capa.

Ao lado da pesquisa bibliográfica sobre o tema, o artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa realizada pelo autor em organizações privadas de comunicação no estado do Espírito Santo. Embora os resultados apresentados tenham validade limitada, dadas as dificuldades na coleta de dados apontada acima, seus resultados evidenciam a complexidade do fenômeno. A longa trajetória em organizações públicas me permite dizer que nestas a complexidade é ainda maior, pois, se, por um lado, o medo de denunciar é bem menor pela premissa da estabilidade, por outro, vem sendo frequente a incidência de falsas denúncias de assédio (e outras supostas irregularidades), configurando o que vem sendo chamado de assédio judicial. Este ocorre quando são abertos processos administrativos ou judiciais com o interesse de comprometer a imagem, o bolso e a saúde mental da vítima, que é obrigada a contratar advogados e apresentar defesas recorrentemente sobre fatos inventados ou distorcidos pelos acusadores. Por exemplo, vem sendo recorrente que cobranças por resultados sejam denunciadas como assédio moral. Alguém é repreendido ou perde o trabalho por mal desempenho e, para se vingar, denuncia o seu superior por assédio moral.

Este estado de coisas nos leva a uma situação paradoxal: se, por um lado, as denúncias são importantes, por outro, as falsas denúncias são também um problema grave e podem afetar decisivamente a carreira e a reputação de profissionais dedicados e competentes. Neste contexto, me parece que o diálogo como prevenção e tratamento dos casos se revela ainda mais importante. Tais contradições, são apresentadas no texto, que fala em “organizações” de forma geral, mas trata das peculiaridades da iniciativa privada, são trazidas aqui nesta apresentação como um estímulo à reflexão e a geração de novas pesquisas sobre o tema.

O artigo de Eliane D. Roque e Jorge Luiz Cunha Cardoso Filho nos transporta para o universo da antropologia do consumo, analisando as relações entre humanos e seus artefatos materiais. A partir da proposta de Appadurai (2010) de reconhecer a “vida social” dos objetos, os autores nos mostram como o valor atribuído aos mesmos é situacional, e não intrínseco, como o senso comum capitalista prevê, sofrendo alterações de acordo as relações que estabelecemos com eles em cada contexto cultural. O fio condutor para demonstrar isso é uma simples fotografia de um indígena pirahã (não identificado) em sua aldeia, trajando uma camisa de marca usada pelas elites brancas e um colar autóctone. A partir deste fio, o artigo analisa os significados atribuídos a estes objetos em suas respectivas culturas e como estes se alteram na

medida em que são transportados e utilizados por outros grupos sociais. Além de oferecer uma contribuição importante no sentido de avançar nos aportes teóricos de Douglas & Isherwood (2009) e Appadurai (2010) sobre a antropologia do consumo, o artigo lança luzes sobre a questão mais ampla da tendência à homogeneização cultural derivada do contato interétnico.

A resenha de Pâmela Thomaz traça um paralelo entre o movimento modernista brasileiro, liderado por Oswald de Andrade, e um dos álbuns do rapper Don L. Em suas análises, a autora evidencia o caráter antropofágico da obra do músico nordestino que deixou o nordeste para se estabelecer no sudeste. O texto revela como os autores citados concentram suas críticas ao etnocentrismo característico do colonialismo, mas mostra também como Don L acrescenta uma nova camada a esta crítica ao inserir-se em um movimento que questiona a concentração de recursos para a cultura no sudeste do país. As composições do álbum questionam a opressão que sofrem os povos originários, os quilombolas, os favelados e todos os tipos de proletários desde os tempos da Vila Rica, antiga Ouro Preto, que dá nome à primeira música do álbum analisado.

Em uma segunda resenha, Letícia X. Gonçalves, por meio do filme “O mal não existe”, nos leva a refletir sobre as relações entre o homem e a natureza. Segundo a autora, o filme está ancorado em uma narrativa sonora que, de forma pouco usual, foi concebida antes da gravação do filme e orienta o seu roteiro. A proposta surge como um exercício de percepção envolvendo outros sentidos para além da visão. O filme explora as sensações da vida bucólica de um pai e uma filha em contato com o ambiente natural que os circunda. A partir de determinado momento, tal possibilidade de relação entre moradores e a natureza passa a ser ameaçada por um projeto turístico que prevê intervenções na localidade. Com clímax e final inusitados, o filme mostra, acima de tudo, como é arbitrária e equivocada essa separação entre os seres humanos e a natureza. As reflexões de Letícia nos instigam a conhecer a obra audiovisual.

Nossa terceira resenha é também de um filme: “Bom dia, Vietnã”, sobre a guerra entre este país e os EUA, dirigido por Barry Levinson. Muito bem construído, o texto de Maria Gabriela Alves de Faria realiza comparações com outras narrativas sobre a mesma guerra para mostrar o que há de comum e de específico no filme em questão. O texto narra a transformação vivenciada pelo personagem principal - um radialista estadunidense entusiasmado com as conquistas de seu país -, desde sua visão estereotipada dos vietnamitas até uma nova percepção que o coloca em dúvida sobre o sentido daquela guerra. Mas, a partir de pesquisas ou do seu conhecimento sobre a cultura do Vietnã – não ficam claro quais são as fontes do seu conhecimento – a autora mostra também como, mesmo disposto a desfazer estereótipos, o trabalho do diretor tem dificuldades para se livrar deles, já que comete uma série de deslizos na representação da cultura do Vietnã. Embora cumpra a principal função de uma resenha, qual seja, nos instigar a conhecer a obra, é um texto que se basta por si só, tanto pela minúcia da narrativa quanto pelo valor das análises.

E, por fim, para encerrar este número da RCD, trazemos a resenha de Paulo Marquês sobre o Guia de Educação Midiática. Este guia, elaborado pelo Instituto Palavra Aberta, que segue as diretrizes da Estratégia Brasileira de Educação Midiática - política pública do governo federal brasileiro que orienta as ações na área – fornece ferramentas que auxiliam os educadores em seus processos de letramento digital. Numa primeira parte da resenha, o autor mostra como o guia contextualiza as ações educacionais no mundo contemporâneo e, na segunda, expõe algumas das ferramentas para o letramento digital. Ao descobrir este guia e inseri-lo no cenário das políticas públicas nacionais e internacionais em relação a este tema, o

autor nos oferece uma relevante contribuição para o letramento digital e o combate à desinformação.

Boas leituras!

Marcelo Hernandez Macedo

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **Mercadorias e a política de valor. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói, EDUFF, 2010.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo.** Rio de Janeiro, Editora URFJ, 2009.